

**ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO MULTIDISCIPLI-
NAR: UM APELO EM FAVOR DA DIVERSIDADE/
*MULTIDISCIPLINARY CRITICAL DISCOURSE
ANALYSIS: A PLEA FOR DIVERSITY***

*Teun A. van Dijk**

Versão para o português: *Breno Wilson Leite Medeiros***

Revisão-técnica da tradução: *Maria Lúcia C. V. O. Andrade****

Resumo: Este texto é a tradução do quinto capítulo de *Methods of Critical Discourse Analysis*. Trata da perspectiva do autor a respeito da Análise Crítica do Discurso e uma síntese de algumas possibilidades de associação entre Discurso e Sociedade. O horizonte teórico contempla ferramentas desde o pensamento estruturalista até o sociocognitivo. Por fim, o leitor pode conhecer uma das primeiras versões da Teoria do Contexto (2001) publicada sete anos depois.

Palavras-chave: Análise Crítica do Discurso; Metodologia; Discurso; Modelos mentais; Modelo de contexto.

* Professor Titular do Departamento de Traducció i de Ciències del Llenguatge da Universitat Pompeu Fabra – UPF, Barcelona, Espanha; teun@discursos.org

** Mestrando do PPG Filologia e Língua Portuguesa – FFLCH – Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, Brasil; breno.medeiros@usp.br

*** Professora do PPG Filologia e Língua Portuguesa – FFLCH – Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, Brasil; maluvictorio@uol.com.br

***Abstract:** This text is a Brazilian Portuguese version of the chapter five of the book “Methods of Critical Discourse Analysis”. The author outlines a Critical Discourse Analysis framework while presents a synthesis of some possible relations between Discourse and Society. The author’s theoretical horizon embraces features since the structuralist paradigm until the socio-cognitive one. Finally, the reader may know one of the first versions of Theory of Context (2001), published seven years later.*

***Keywords:** Critical Discourse Analysis; Framework; Discourse; Mental Models; Context Model.*

Análise crítica do discurso multidisciplinar: um apelo em favor da diversidade¹

Neste texto, apresento os princípios e os direcionamentos práticos para fazer análise crítica do discurso (ACD). Isso não significa, entretanto, que ofereço um “método van Dijk” de fazer ACD. Não tenho tal método. Nem sou o líder ou representante de uma “abordagem”, “escola” ou seita acadêmica; algo que parece tão atraente para a maioria dos acadêmicos. Sou contra o culto à personalidade. Não quero que colegas ou estudantes “sigam-me” – um estilo de adulação acadêmica – que eu acredito ser incompatível com uma atitude crítica.

Além disso, em muitos anos como editor de vários periódicos internacionais, percebi que as contribuições que imitam ou seguem grandes mestres são raramente originais. Sem ecletismo, mas os bons estudos, especialmente na ACD, deveriam reunir os melhores trabalhos de pessoas, disciplinas, países, culturas e linhas de pesquisa diferentes, famosas ou não. Em outras palavras, a ACD deveria ser essencialmente diversa e multidisciplinar.

¹ Capítulo de livro publicado pela primeira vez na obra organizada por WODAK, R; MEYER, M (Ed.). *Methods of critical discourse analysis*. London: Sage, 2001. p. 95-120.

O que é ACD?

Começo dizendo o que a ACD não é. Ela não é uma linha de pesquisa dentre outras, como a gramática gerativo-transformacional ou a linguística sistêmico-funcional, nem é uma subárea da análise do discurso como a psicologia discursiva ou a análise da conversação. Não é um método, tampouco uma teoria que possa ser aplicada diretamente aos problemas sociais. A ACD pode ser aplicada em combinação com qualquer tipo de abordagem ou subárea das ciências humanas e das ciências sociais.

A ACD é uma perspectiva – crítica – de produção do conhecimento: análise do discurso ‘com uma atitude’. Foca-se em problemas sociais, em especial no papel do discurso na produção e reprodução do abuso do poder ou da dominação. Sempre que possível, ocupa-se dessas questões a partir de uma perspectiva coerente com os melhores interesses dos grupos sociais dominados. Considera as experiências e opiniões dos membros desses grupos e lhes oferece ajuda na luta contra a desigualdade social. Em outras palavras, a pesquisa em ACD combina o que talvez, pomposamente, costuma ser chamado de “solidariedade com os oprimidos” com uma atitude de oposição e dissensão contra aqueles que, por meio do texto e da conversação, buscam estabelecer, confirmar ou legitimizar o seu abuso de poder. Diferentemente de outras perspectivas, a ACD não nega, mas assume e defende sua posição social e política. Ou seja, a ACD é tendenciosa – e orgulhosa disso.

Como ocorre em qualquer linha de pesquisa, há trabalhos de má qualidade na ACD. Porém, o motivo não é a sua inclinação política. O conhecimento produzido a partir de uma tendência não é, necessariamente, mau conhecimento. Ao contrário, bem sabem muitos estudiosos, em especial, se são mulheres ou pertencem a grupos minoritários, que a pesquisa em ACD não deve ser apenas boa, mas excelente para que ela venha a ser aceita pela comunidade científica. Nenhuma outra linha de pesquisa é tão ferozmente atacada por uma alegada falta de metodologia como a ACD. Especializada também na análise crítica do discurso acadêmico, a ACD reconhece a natureza estratégica de tais acusações como parte dos complexos mecanismos de dominação.

Considerando, em especial, a relação entre a perspectiva acadêmica e a responsabilidade social, a ACD deve ser rigorosa. Suas teorias multidisciplinares devem levar em consideração as complexas relações entre as estruturas discursivas e os problemas sociais. Sem metodologias explícitas e sistemáticas, nenhuma descrição social útil ou observação confiável pode ser feita. Em ACD, a teorização,

descrição, formulação do problema e a aplicação estão entrelaçadas. Isso significa que as teorias e análises produzidas pela ACD deveriam ser tanto elegantes ou sofisticadas, quanto fundamentadas empiricamente. E, além disso, elas devem ser capazes de enfrentar o teste mais difícil de todos – e com sucesso – o da relevância.

E, por fim, a ACD deve ser acessível para ser compartilhada com os outros, em especial, com os grupos sociais dominados. O obscurantismo promove a imitação cega, em lugar do discernimento. A ACD deve ser compreensível. Se os estudantes não nos entenderem, eles não poderão aprender conosco, tampouco nos criticar. Discernimentos profundos não precisam de formulações misteriosas.

O triângulo discurso – cognição – sociedade

Seguindo esses princípios meta-teóricos, apresento algumas das direções que sigo ao fazer ACD. Dada a orientação multidisciplinar, a expressão mais abrangente para referir-se à forma de fazer ACD é “sociocognitiva”. Embora eu não goste de etiquetas (porque são reducionistas e por eu ter mudado algumas vezes de área de pesquisa), eu tenho pouco a me queixar dessa por ela enfatizar – diferentemente de outros colegas da ACD – a visão de que a cognição é de fundamental importância (e não somente a sociedade) na análise crítica do discurso, na comunicação e na interação.

O que penso a respeito da ACD não se limita apenas aos aspectos social e cognitivo ou a uma combinação dessas duas dimensões. Interesse-me, em especial, pela fascinante interface sociocognitiva da análise do discurso. Por exemplo, em meus primeiros trabalhos a respeito do racismo (Van Dijk, 1984, 1987, 1991, 1993) e na minha pesquisa atual a respeito da ideologia (Van Dijk, 1998), demonstrei que esses problemas são, ao mesmo tempo, fenômenos cognitivos e sociais. Entretanto, o “mundo real” e os complexos problemas que a ACD lida necessitam de uma abordagem histórica, cultural, socioeconômica, filosófica, lógica ou neurológica, de acordo com o que o pesquisador quiser saber (vejam-se, por exemplo, as várias abordagens apresentadas em Van Dijk, 1997).

Assim, creio que é necessária pouca argumentação para justificar que, dada a natureza linguística do discurso, a ACD também precisa alicerçar-se em uma base linguística sólida e ampla de perfil sistêmico-funcional. Em outras palavras, qualquer que seja a outra dimensão que a ACD trate, por sua forma específica de fazer análise do discurso, ela precisa dar conta de pelo menos alguns dos detalhes

estruturais, das estratégias e funções do texto ou da conversação, tais como a gramática, a pragmática, a interação, a estilística, a retórica, a semiótica, a narratividade ou formas paraverbais de organização dos eventos comunicativos.

Tendo enfatizado a necessidade de uma abordagem multidisciplinar para ACD, ampla e orientada para a resolução de problemas, limito a tarefa ao domínio definido pelo triângulo discurso – cognição – sociedade. Sendo essa uma mera definição, sujeita a ser interpretada de forma equivocada, devo salientar que entendo o significado de “discurso” de forma ampla, ou seja, como “evento comunicativo”, incluindo a interação conversacional, a modalidade escrita da língua, bem como a expressão corporal, facial, diagramação do texto, imagens e qualquer outra “semiose” ou forma multimodal de significação. Semelhantemente, “cognição” envolve tanto a pessoal quanto a social, crenças, objetivos, avaliações e emoções e qualquer outra estrutura “mental” ou da “memória”, como as representações ou os processos envolvidos no discurso e na interação. E, finalmente, ‘sociedade’ significa a inclusão, tanto do nível local ou micro tais como as interações interpessoais, quanto dos níveis mais altos como as estruturas sociais e políticas, definidas em termos variados como grupos, relações de grupos (como dominância ou desigualdade), movimentos sociais, instituições, organizações, processos sociais, sistemas políticos até as estruturas mais abstratas das sociedades e das culturas.

De um modo informal, podemos entender a combinação das dimensões cognitiva e social do triângulo como a definidora da relevância do contexto (nos níveis local e global) do discurso. Sem dúvida alguma, a orientação para problemas políticos e sociais da ACD precisa, em especial, de uma teorização sofisticada das intrincadas relações texto-contexto. Uma análise do texto ou da conversação com a ajuda de alguns estudos sociais ou cognitivos não é o suficiente. Veremos que uma adequada análise do discurso requer, ao mesmo tempo, uma detalhada análise cognitiva e social e vice-versa. E somente por meio da integração dessas dimensões é que os problemas sociais podem ser descritos, explicados e, especialmente, criticados com qualidade.

Deve-se reforçar também que a ACD e a análise do discurso não são “métodos” que podem ser aplicados diretamente ao estudo dos problemas sociais. A análise do discurso é uma disciplina transversal com várias subdisciplinas e áreas, cada uma com suas próprias teorias, instrumentos descritivos ou métodos de investigação. A ACD não fornece um método pronto para o estudo dos problemas sociais, mas enfatiza que, para cada problema social, é preciso realizar uma análise teórica completa de tal modo que o analista seja capaz de selecionar

das estruturas sociais e discursivas as que devem ser analisadas e relacionadas. Além disso, métodos concretos de pesquisa estão sujeitos a uma perspectiva e às propriedades do contexto da investigação: objetivos, participantes, ambiente, usuários, suas crenças e seus interesses.

Quais estruturas discursivas devemos analisar?

Embora já tenhamos argumentado que a ACD necessita, de forma especial, de uma teoria da relação texto-contexto, precisamos fazer algumas observações a respeito das estruturas discursivas *per se*. Em longa experiência nesse campo, observamos algumas centenas, se não milhares, de unidades relevantes, níveis, dimensões, ações, estratégias, tipos de ação, instrumentos e outras estruturas do discurso. Há níveis ou estruturas paraverbais, visuais, fonológicas, sintáticas, semânticas, estilísticas, retóricas, pragmáticas ou interacionais. Isso significa que, na prática, não se faz uma análise ‘completa’ do discurso. Uma análise exaustiva de um pequeno trecho pode demorar meses e vir a preencher centenas de páginas. Uma análise completa de um grande *corpus* de texto ou de conversação está, portanto, completamente fora de questão.

Assim, também, na ACD, é necessário fazer escolhas e selecionar as estruturas mais relevantes a serem analisadas no estudo de um problema social. Para atingir tal fim, algumas ideias, mesmo que informais, de relações entre texto-contexto são necessárias de tal forma que saibamos quais propriedades discursivas podem variar em função das estruturas sociais. Se quisermos estudar - como seria típico da ACD - as formas de exercício de poder dos falantes ou escritores por meio dos seus discursos, esses estudos devem analisar as estruturas discursivas que podem variar em função do poder social dos falantes ou escritores. Assim, o tom ou a entonação, a ordem das palavras, a seleção lexical, a coerência, os movimentos semânticos locais, a seleção tópica, os atos de fala, a organização esquemática, as figuras retóricas e as várias formas de interação são, em princípio, sensíveis ao controle do falante ou escritor. Com exceção de outras estruturas, tais como as formas das palavras e as várias estruturas da sentença que são gramaticalmente obrigatórias e contextualmente invariantes, não são suscetíveis ao controle do falante ou escritor. Dessa fora, não são, assim, relevantes para o estudo do poder social.

Mesmo as estruturas discursivas, que são contextualmente variáveis e relevantes para o estudo crítico do discurso, podem ser pouco relevantes em relação às outras, considerando as questões levantadas pelo analista em sua

pesquisa. Por exemplo, um estudo perfeitamente legítimo e significativo a respeito das conversações em contextos formais e informais entre homens e mulheres pode apontar para o exame da representação da dominação da fala masculina por meio da entonação, do volume da voz e de outras formas de intimidação, tal como o grito.

Entretanto, se alguém está interessado em fazer um estudo crítico do papel do discurso na reprodução do sexismo ou do machismo na sociedade, essa pessoa não se deveria limitar apenas às estruturas tais como a entonação e o volume. Poderia começar com um estudo do controle da interação de um lado, e com a análise do “conteúdo”, como a escolha dos tópicos, proposições e itens lexicais, de outro lado. A razão é que tais formas de conteúdo parecem mais diretamente relacionadas às crenças, portanto, às atitudes e às ideologias que homens sexistas empregam quando falam sobre ou com mulheres. Observe, porém, que essa correlação não é evidente e nem ocorre sempre. Porém, pode vir a ser uma conclusão de uma teoria da relação texto-contexto, na qual estruturas específicas do discurso são relacionadas às estruturas específicas do contexto, como as crenças socialmente compartilhadas entre os falantes.

Níveis e dimensões da ACD – Um exemplo

Como exemplo, ilustraremos um modelo teórico e suas categorias analíticas em uma breve descrição de um texto do Centro para a Defesa Moral do Capitalismo, “Um abaixo-assinado contra a perseguição a Microsoft”, disponível em endereço on-line (www.moraldefense.com). Esse abaixo assinado critica o governo Norte-americano por causa de sua batalha legal contra a Microsoft e pede aos leitores que o assinem:

Um abaixo-assinado contra a perseguição a Microsoft

Assine o abaixo assinado – Versão internacional (para indivíduos não residentes no EUA)

Para: Membros do congresso, Procuradora-geral Janet Reno e Presidente Bill Clinton.

Companheiros Americanos,

A Declaração da Independência proclama que o objetivo fundamental do governo é proteger os direitos individuais, e que cada indivíduo tem o direito inalienável de buscar a sua felicidade. Durante toda a história norte-americana², esta nobre ideia

² No original, “America’s history”.

protegeu o direito individual de buscar a sua felicidade através da aplicação de sua energia no trabalho produtivo, na comercialização³ dos produtos dos seus esforços em um mercado livre e de ir tão longe quanto as suas capacidades o levarem.

Durante o século passado, entretanto, esta liberdade esteve sob ataque, e uma forma conhecida deste ataque tem sido as leis antitruste. Sob o pretexto de “estar protegendo o público”, estas leis permitiram que competidores invejosos e funcionários públicos sedentos de poder atacassem homens de negócios prósperos pelo crime de serem bem sucedidos. Esta é a causa do espetáculo feio em que os gênios criativos dos negócios – os homens que fizeram este país ser o que ele é – estão sendo estigmatizados como tiranos opressores, cujos impérios conquistados após muito trabalho devem ser divididos e submetidos ao controle de reguladores governamentais.

O processo movido atualmente pelo Departamento de Justiça contra a Microsoft é o último exemplo desta tendência. A sua origem é a inveja da capacidade produtiva da Microsoft e do seu fundador, Bill Gates. Os resultados deste processo, se bem-sucedido, serão a retirada do senhor Bill Gates do seu direito de controlar a sua própria empresa, assim como a retirada da empresa dos direitos à propriedade e ao controle de seus produtos.

O processo do Departamento de Justiça – e sem dúvida o edifício inteiro da lei antitruste – baseia-se na noção bizarramente invertida de que as ações produtivas dos indivíduos no mercado livre podem de alguma forma constituir uma “força”, enquanto que as ações coercivas dos reguladores governamentais podem de alguma forma, garantir a “liberdade”.

A verdade é que o único tipo de ‘monopólio’ que se pode formar no mercado livre é aquele baseado na melhor oferta de produtos pelos menores preços, uma vez que no mercado livre até mesmo os monopólios devem obedecer à lei da oferta e da procura. Os monopólios nocivos, coercivos, são o resultado não da operação do mercado livre, mas de regulações governamentais, de subsídios e de privilégios os quais impedem a entrada de competidores. Nenhum homem de negócio pode declarar ilegal os seus competidores – apenas o governo.

Nós acreditamos que a Microsoft tem o direito à sua propriedade e que ela tem a autoridade de lançar os seus produtos – incluindo o Windows 95 e a Internet Explorer – em qualquer combinação que ela quiser, não porque alguém a autorizou, mas porque é seu direito ilimitado. Acreditamos que reduzir este direito é um ataque ao direito de cada inventor sobre os seus próprios produtos e um golpe nos fundamentos de um mercado e de uma sociedade livres.

Não queremos viver em um país onde o sucesso é motivo para ressentimento e ataque, onde cada inventor e empresário deva temer a perseguição de reguladores ditatoriais e juizes, reforçando leis nebulosas sob o comando de competidores invejosos. Compreendemos que nossas vidas e bem-estar dependem da existência do mercado livre, no qual os inventores e os empresários são livres para irem tão longe quanto suas habilidades os levarem, sem o impedimento de regulações arbitrárias e injustas.

Como cidadãos preocupados, pedimos que a ação do Departamento de Justiça contra a Microsoft seja arquivada. Convocamos um debate nacional sobre as

³ No original, “trading”.

medidas arbitrárias e injustas das leis antitruste e pelo fim da prática persecutória contra os homens de negócios por causa dos seus sucessos.

Ainda que uma pequena passagem de um texto não exemplifique as centenas de estruturas discursivas possíveis, uma análise completa exigiria dezenas, se não centenas de páginas. Não é necessário enfatizar que não podemos fazer mais do que uma análise muito parcial. Faremos uma breve discussão de algumas estruturas discursivas que nos parecem ser as mais relevantes na maior parte das pesquisas em ACD. Além de mostrar a utilidade prática que essas categorias analíticas parecem ter para a análise, explicarei, sucintamente, o motivo dessa utilidade descrevendo o modelo teórico por meio do qual tais categorias analíticas são relacionadas às estruturas sociais. Em outras palavras, a escolha das categorias discursivas na ACD é guiada pela teoria, bem como pelo seu objetivo principal, o estudo crítico da reprodução discursiva da dominação social.

Os tópicos: as macroestruturas semânticas

Por razões discursivas, cognitivas e sociais, os tópicos do discurso desempenham um papel fundamental na comunicação e interação. Definidos como “macroestruturas semânticas” e derivadas dos significados locais (microestruturas), os tópicos representam o que o discurso “quer dizer” em termos globais. Eles incorporam as informações mais importantes de um discurso e explicam toda a coerência do texto e da conversação (Van Dijk, 1980). Os tópicos são os significados que os usuários da língua instituem na produção e compreensão do discurso, o “essencial” que será lembrado. Os usuários da língua não são capazes de memorizar e gerenciar todos os detalhes dos significados locais de um discurso. Assim, organizam os significados locais em significados globais ou tópicos. A relevância social dos tópicos na interação discursiva e a estrutura social definem a orientação dos falantes, das organizações e dos grupos e traz discussões e ações futuras muito significativas.

Definidos como significados globais, os tópicos não podem ser observados diretamente, mas inferidos ou previamente determinados no discurso pelos usuários da língua. Entretanto, estão presentes no discurso como, por exemplo, em títulos, manchetes, sumários, resumos, orações ou conclusões temáticas. Essas expressões podem ser usadas de forma estratégica para a inferência ou a distribuição tópica – de acordo com a intenção do falante ou escritor (van Dijk e Kintsch, 1983). Isso permite também influenciar e manipular.

Um falante ou um escritor pode assim enfatizar significados, controlar a compreensão e influenciar a formação dos chamados “modelos mentais” do evento tematizado pelo discurso. Os papéis cognitivos e sociais dos tópicos serão explicados posteriormente.

Como os tópicos têm um papel importante e uma vez que a análise (macroestrutural) tópica pode também ser aplicada, recomendo começar a análise a partir deles. Eles fornecem uma ideia geral do assunto de que o *corpus* trata, além de controlar muitos outros aspectos do discurso e da análise. Observamos que os sumários são, por definição, a expressão das macroestruturas, assim, podemos – por razões práticas – simplesmente listar os tópicos do texto resumindo-os, um método que pode ser repetido em vários níveis de abstração.

No texto selecionado para a análise, o título “Um abaixo-assinado contra a perseguição a Microsoft” expressa não apenas uma parte do tópico (“a perseguição a Microsoft”), mas também a autodefinição do gênero do discurso (“abaixo-assinado”). Assim, nós podemos resumir esse texto, por exemplo, por meio das seguintes macroproposições:

- M1 As leis antitruste ameaçam a liberdade de empreender.
- M2 Os homens de negócios bem sucedidos estão sendo representados como tiranos.
- M3 O processo contra a Microsoft é um exemplo dessa ameaça.
- M4 O governo não deveria limitar a liberdade do mercado.
- M5 A Microsoft tem o direito de fazer o que quiser com seus produtos.
- M6 Os inventores não devem ser punidos.
- M7 Nós pedimos⁴ que o caso contra a Microsoft seja arquivado.

É possível resumir essas macroproposições em uma nova redução a fim de se inferir a macroproposição de nível mais alto, o tópico geral: o governo norte-americano solicita⁵ que a ação contra a Microsoft seja interrompida.

Observamos que esses vários tópicos/macroproposições, sem dúvida, representam um nível muito alto, às vezes, princípios abstratos. Nesse caso, essas proposições são uma forma de expressão de alguns princípios práticos de uma ideologia capitalista a respeito da liberdade de empreender. Em outras

⁴ No original, “call”.

⁵ No original, “requested”.

palavras, as macroproposições expressam os princípios gerais do mercado livre, aplicados no caso específico da Microsoft. Veremos, posteriormente, que essa distinção reflete a diferença entre as representações socialmente compartilhadas, de um lado, e os modelos mentais pessoais, do outro.

Significados locais

Selecionamos para análise o estudo dos significados locais, tais como o significado das palavras — um estudo que também pode ser chamado de lexical, dependendo da perspectiva do analista —, das estruturas das proposições, da coerência e de outras relações entre proposições. Novamente, a razão da escolha dessas estruturas é majoritariamente contextual. Os significados locais são o resultado da seleção feita pelos usuários nos seus modelos de eventos ou em suas crenças mais gerais, ou seja, as que são socialmente compartilhadas. Ao mesmo tempo, representam o tipo de informação que, sob o controle dos tópicos globais, influenciam mais diretamente os modelos mentais, e, assim, as opiniões e atitudes dos receptores. Com os tópicos, os significados locais são os mais lembrados e facilmente reproduzidos pelos receptores, e, por isso, com consequências sociais.

Embora haja várias maneiras de estudar o significado, mencionaremos apenas algumas neste texto. A pesquisa em ACD está, frequentemente, interessada em estudar discursos ideologicamente enviesados, bem como as formas pelas quais tais discursos polarizam as suas representações do *nós*⁶ (endogrupo) e *eles* (exogrupos). Em ambos os níveis de análise do significado, o local e o global, frequentemente testemunhamos uma estratégia geral de “representação-positiva-de-si” e de “representação-negativa-do-outro”, em que as nossas coisas boas e coisas ruins dos outros são enfatizadas, e as nossas coisas ruins e as coisas boas deles são minimizadas.

No nível semântico local, podemos, por exemplo, examinar a escolha da palavra “perseguição” no título do texto. Essa escolha tem várias implicações, tais como expressar a perspectiva ideológica do autor — o Centro para Defesa Moral do Capitalismo — em que a ação do governo é definida em termos negativos, expressando uma forma de ofensa moral, legalmente repreensível, violenta ou um abuso de poder. Ao mesmo tempo, a escolha dessa palavra implica que a Microsoft é representada como vítima dessa ação. Em termos mais gerais,

⁶ N. T. Os destaques não constam no original.

a seleção lexical aqui mostra a forma conhecida de representação negativa do outro e de representação positiva de si⁷. Como parte da macroproposição geral, a escolha do conceito “perseguição” também contribui para a organização dos significados locais no do texto. Em termos mais cognitivos, isso significa que a escolha dessa palavra pode influenciar a formação de macro “nós” nos modelos mentais dos leitores do texto.

Tão relevante quanto isso é a repetição da palavra “direitos”, no primeiro parágrafo, associada a “indivíduo” e à “liberdade”. Todas elas representam conceitos profundamente relacionados à fundação e à prevalência da ideologia dos Estados Unidos da América. Para ser capaz de qualificar a ação judicial do governo de forma tão negativa como uma “perseguição”, é necessário que seja demonstrado que os direitos individuais estão sendo violados e quais são esses direitos. A ênfase sobre os direitos tem muitas outras funções, como associar o “nós” e a nossa posição a algo bom e legítimo. Dessa forma, mostra-se a avaliação negativa do governo dos Estados Unidos da América quando ele alegadamente viola esses direitos. Sem considerar a polarização do modelo mental construído aqui, esse parágrafo funciona ao mesmo tempo como uma importante premissa na argumentação geral do texto.

Especialmente significativo para a pesquisa em ACD é o estudo das várias formas de significados implícitos como implicaturas, pressuposições, alusões, ambiguidade e assim por diante. Chamamos uma informação de implícita quando ela pode ser inferida do (significado do) texto, sem aparecer explicitamente expressa no texto. Isso significa que a informação implícita é parte do modelo mental dos (usuários) dos textos, mas não do texto em si. Os significados implícitos estão relacionados às crenças fundamentais; entretanto, não são claros, diretos, completos ou precisamente declarados por várias razões contextuais, incluindo os bens conhecidos objetivos ideológicos de menosprezar nossas coisas ruins e as boas deles.

No texto, em análise, existem várias proposições pressupostas, mas não explicitamente declaradas. Quando os autores dizem que a legislação antitruste vem “Sob o pretexto de proteger o público”, a expressão “sob o pretexto” e a citação mostram que não é verdade que a lei antitruste protege o público. No segundo parágrafo e ao longo de todo o texto, várias expressões têm pressuposições ideológicas, tais como “Os competidores têm inveja dos homens de negócios bem sucedidos”, “Os funcionários públicos são sedentos de poder”, “O mundo dos negócios tem gênios criativos”, “Os impérios comerciais são difíceis de conquistar”.

⁷ “Self-presentation”.

Além de reiterar a ênfase na polarização entre o governo e os homens de negócio, tais significados locais do texto criam outra polarização: entre os competidores invejosos e os gênios criativos dos negócios. Observe também que a seleção lexical e as metáforas enfatizam mais adiante estas polarizações: “invejosos”, “sedentos de poder”, “difícil de conquistar”, “controle”, “reguladores”, “arruinar”, e assim por diante – todas expressam conceitos negativos relacionados a “eles”, o governo (e alguns homens de negócios). “Nós” e “aqueles que nos protegem” associam-se a “sucesso”, “gênios da criatividade” e por negação (litotes) com “crime” e “tirano”. Novamente, tais palavras contribuem não apenas para a polarização geral do texto, mas também para a formação de um modelo de evento enviesado e polarizado, em que os atores são nitidamente diferenciados em bons e maus.

Os dois primeiros parágrafos são formulados em termos gerais. Referem-se aos direitos e violações, bem como às leis antitrustes. O terceiro parágrafo começa com o movimento funcional de exemplo, o que se aplica especificamente ao caso da Microsoft. Os primeiros parágrafos mostram representações sociais (gerais) compartilhadas. Enquanto o terceiro parágrafo descreve o processo Microsoft. Dessa forma, ativa os modelos mentais específicos baseados em outras representações (gerais) compartilhadas (veja abaixo). Dada à inclinação ideológica dos primeiros parágrafos, há pouca dúvida de que esse modelo, como foi expresso pelo Centro para a Defesa Moral do Capitalismo, tem também um viés ideológico. Nós poderíamos esperar que a polarização construída antes fosse aplicada aqui, o que de fato aconteceu. Percebe-se também que a polarização conceptual, frequentemente, aparece por meio de várias hipérboles, como já observamos na seleção lexical das palavras “crime”, “tiranos” e “gênios”. Tais hipérboles podem aproximar-se de mentiras completas como, por exemplo, quando se afirma que Bill Gates está sendo retirado do controle de sua empresa.

O uso de “dele”, “homem de negócio” e “os homens que fizeram esse país ser o que ele é” sugerem que os homens de forma exclusiva ou especial, não as mulheres, estão envolvidos nos negócios e no sucesso. Assim, além de expressar com firmeza uma ideologia neoliberal conservadora, o Centro para a Defesa Moral do Capitalismo também professa uma ideologia sexista por excluir verbalmente as mulheres, contribuindo, dessa forma, para uma meta-ideologia neoliberal ainda mais conservadora que também controla a ideologia nacionalista, expressa de forma característica na autoglorificação norte-americana.

Finalmente, dentre outras muitas propriedades semânticas importantes do texto, deveríamos mencionar o que foi deixado fora do texto. Sugere-se que o

sucesso da Microsoft baseia-se no princípio do melhor produto pelo menor preço. Isso não inclui a prática conhecida da venda-casada — como o Windows e o navegador Internet Explorer. Nós podemos, assim, afirmar que a regra geral das propriedades negativas nossas (ou daqueles que defendemos) são ambas omitidas ou diminuídas no texto. Verificamos que a omissão é apenas uma propriedade relevante do discurso quando se pode mostrar que a informação omitida é parte do modelo mental (o Centro para Defesa Moral do Capitalismo sem dúvida alguma sabe das práticas ilegais da Microsoft), ou de crenças mais gerais e compartilhadas socialmente que são necessárias ou podem ser usadas para produzir ou entender um texto. Nesse caso, o modelo mental de um leitor crítico pode sem dúvida ser diferente do que está expresso de forma persuasiva pelo Centro.

A partir da análise do texto, podemos ter uma primeira visão de algumas diretrizes práticas que podem ser usadas para decidir quais estruturas discursivas podem ser estudadas dentre centenas possíveis. Isso é apenas um exemplo. O ponto é que tal escolha é duplamente vinculada ao contexto: primeiro, pelos nossos objetivos acadêmicos bem como pela relevância social desta pesquisa e, em segundo lugar, pela relevância de estruturas discursivas específicas estudadas em contexto, como as crenças e os objetivos do falante e do receptor, as regras sociais, as posições, as relações entre os participantes, as limitações institucionais.

A relevância de estruturas “formais” sutis

Além das estruturas semânticas que mencionamos, um analista crítico do discurso pode estar mais interessado em estruturas do texto ou da conversação que são muito menos controladas pela consciência ou pelos falantes, como a entonação, as estruturas sintáticas, as estruturas proposicionais, as figuras retóricas, bem como as várias propriedades espontâneas da conversação, como a tomada de turno, correções, pausas, hesitações, e assim por diante. Essas várias “formas” geralmente não expressam diretamente os subentendidos e as crenças, mas sinalizam especialmente propriedades “pragmáticas” de um evento comunicativo, tais como a intenção, o humor ou emoções dos falantes, as perspectivas que os falantes têm sobre os eventos de que falam a respeito, as opiniões sobre os coparticipantes e, especialmente, preocupações interacionais como a representação positiva de si e a formação de uma determinada impressão. Nesse sentido, os homens podem muito bem ser capazes de esconder opiniões negativas a respeito das mulheres, ou pessoas brancas a respeito de pessoas negras, mas indiretamente essas avaliações, posições ou faces conversacionais,

e por conseguintes as suas identidades podem ser sinalizadas por características sutis da estrutura conversacional.

Da mesma forma que fizemos a distinção entre significados locais e globais, mostraremos as diferenças existentes entre formas discursivas globais e locais ou esquemas. As formas globais ou superestruturas são esquemas gerais, canônicos ou convencionais que consistem em categorias genéricas típicas, como são os casos da argumentação, da narrativa e das notícias. As formas locais são aquelas da (sintaxe das) sentenças e das relações formais entre orações ou entre sequências de orações: ordem, primazia, relações pronominais, vozes ativas e passivas, nominalizações e o controle⁸ de outras propriedades formais das orações e sequências.

Das várias propriedades formais observadas no texto que utilizamos para análise, podemos observar o uso repetido de construções na voz passiva “esta liberdade esteve sob ataque” e “gênios criativos do mundo dos negócios – os homens que fizeram este país ser o que ele é – estão sendo estigmatizados como tiranos opressores” que possibilita apagar da sentença o agente da ação. O Centro para a Defesa Moral do Capitalismo pode ser vago em suas acusações pela omissão do agente das ações negativas ou identificando-o vagamente pela palavra “leis”. Além dessas e de outras estruturas sintáticas que concretizam representações semânticas subentendidas, a estrutura que uma abordagem crítica do discurso deveria abordar de forma mais atenta são as estratégias argumentativas. Por meio delas, normas gerais, valores e princípios ideológicos funcionam como argumentos universais. No caso da Microsoft, a argumentação permite chegar à conclusão de que a Microsoft deveria ser capaz de fazer o que ela quisesse com seus produtos. Esse argumento é uma falácia, já que omite a informação vital, isto é, a Microsoft agiu de forma abusiva ao impor os seus produtos. Violou, assim, o princípio básico da ideologia de “liberdade”. Há várias outras falácias, tais como o uso autoritário da (valor socialmente compartilhado) Constituição norte-americana para discutir os argumentos do processo.

Do mesmo modo que a polarização semântica e retórica do texto analisado expressa e ajuda a construir modelos mentais enviesados a respeito do caso contra a Microsoft, o estilo formal é uma marca do gênero abaixo-assinado. Esse estilo formal começa com uma paráfrase da Declaração da Independência, mas se expressa também lexicalmente no abaixo-assinado do Centro para a Defesa Moral do Capitalismo por meio das repetições “Nós acreditamos que”, “não porque alguém a autorizou, mas porque é o seu direito ilimitado” e assim por diante, sinalizando algo como uma declaração do mercado livre.

⁸ No original “host”.

O estudo dos significados locais e globais do discurso e da sua forma ilustrou algo que pode ser muito mais detalhado e sofisticado. Porém, a limitação de espaço me impede de fazê-lo neste capítulo. Entretanto, a relevância deste estudo em projetos da ACD deve estar clara, em especial, como parte de uma descrição sistemática de como o discurso ideológico representa “nós” versus “eles”. Assim, falantes ou escritores podem enfatizar nossas coisas boas por meio da topicalização de significados positivos, pelo uso positivo de itens lexicais em uma autodescrição, pelo fornecimento de vários detalhes a respeito de nossas boas ações, pela hipérbole e metáforas positivas, por deixar propriedades negativas implícitas ou por diminuir o papel do agente em atos negativos por meio de orações passivas e nominalizações. Como veremos adiante, tais aspectos formais e semânticos do discurso dominante não apenas expressam e exercem o poder dominante, mas também se adaptam à construção de modelos mentais e às representações sociais desejados, ou seja, propõem-se a influenciar, manipular ou controlar a mente.

Modelos de contexto

Como argumentamos acima, os objetivos críticos da ACD só podem ser cumpridos se as estruturas discursivas estiverem relacionadas às estruturas locais e globais do contexto. Na análise realizada, fizemos algumas observações a respeito de modelos mentais, ideologias, situações, objetivos, grupos sociais e instituições, mas é necessário definir esses termos teóricos de forma explícita. Outros aspectos da ACD, presentes no capítulo, fornecem algumas noções da teoria e ilustram os princípios de forma mais ampla e relevante, por meio de alguns fragmentos do texto em análise.

Embora haja várias teorias do texto e da conversação, não há uma única teoria explícita do contexto. Sem dúvida, não existe nem uma única monografia a respeito do contexto. Apresentarei, a seguir, brevemente algumas noções da teoria.

Da mesma forma que há diferenças entre estruturas globais e locais do discurso, há distinção entre contextos locais e globais. Os contextos globais são, geralmente, definidos pelas estruturas históricas, culturais, políticas, sociais, presentes em um evento comunicativo. Na ACD, tais estruturas são, frequentemente, o argumento final da explanação crítica do discurso e da sua análise.

O contexto local é geralmente definido em termos de propriedades da situação interacional imediata em que o evento comunicativo ocorre. Algumas

propriedades de tal situação são o domínio discursivo⁹ (político, econômico), o macro-ato-de-fala (legislar, propagandear), os participantes em seus vários papéis comunicativos e sociais (como o Centro para a Defesa Moral do Capitalismo, aqui usado como exemplo), bem como as suas intenções, objetivos, conhecimentos, normas e outras crenças. Tais contextos são limitadores das propriedades do texto e da conversação, ou seja, o que dizemos e como dizemos depende de com quem estamos falando, quando, onde e do nosso propósito.

A teoria do contexto reconhece que uma análise das propriedades sociais e cognitivas dos eventos comunicativos é relevante, mas define os contextos (locais) em termos cognitivos, como uma forma de modelo mental. Isso permite interpretações subjetivas de situações sociais diferentes entre os usuários da língua na mesma situação, já que os modelos mentais são estrategicamente incompletos, e, no geral, permitem uma adaptação flexível do contexto à situação social. Em outras palavras, a teoria do contexto não define as várias propriedades da situação imediata (local) que controlam e definem a conversação e o texto, mas as formas com as quais os usuários da linguagem interpretam ou definem essas propriedades mediante seus modelos mentais. Por exemplo, idade, gênero¹⁰ ou profissão, bem como objetivos ou conhecimento dos participantes frequentemente influenciam o texto e a conversação, mas somente se estão e como foram definidos no modelo de contexto do falante ou do escritor. Os modelos de contexto nos permitem explicar o que é relevante para os participantes na situação social. Em outras palavras, uma teoria do contexto nos oferece uma teoria da relevância.

Os modelos de contexto podem também ser vistos como tipos específicos de modelos mentais subjetivos que as pessoas constroem a partir de várias experiências diárias, desde a hora em que se levantam até a hora em que se deitam. Os eventos comunicativos são apenas um tipo específico dos “modelos de experiência do cotidiano”.

Os modelos de contexto têm o mesmo estatuto cognitivo e estrutura esquemática dos outros modelos mentais, para os quais nos focaremos a seguir. Nesse sentido, importa enfatizar que os modelos de contexto são as representações mentais que controlam as várias propriedades do discurso e da sua compreensão, tais como o gênero, a seleção tópica, os significados locais e a

⁹ No original “overall domain”.

¹⁰ No original “gender”.

coerência, de um lado; mas também os atos de fala, o estilo e a retórica, de outro lado. O estilo pode ser definido como o conjunto de propriedades formais do discurso como a lexicalização, a ordem das palavras e a entonação.

No exemplo observado no texto do abaixo-assinado, o contexto definidor do evento comunicativo é claro. O domínio social do texto é o dos negócios ou do mercado e a macro ação é a defesa da liberdade de empreender e proteger o mercado contra a interferência governamental. A cena do evento comunicativo é a internet. O papel comunicativo dos participantes é o de falante/escritor, autor e inventor; o papel interacional é o de defensor da Microsoft e de oponente ao governo, enquanto o papel socioeconômico é o de uma organização advogando a favor da liberdade do mercado. O outro participante, o destinatário, é referido explicitamente no início do texto como “Companheiros Americanos”. Enfatiza, assim, de forma pragmática, a unidade do endogrupo de quem o Centro para a Defesa Moral do Capitalismo afirma ser um defensor. Observamos que, embora a proposta do abaixo-assinado seja direcionada para os “americanos”, o abaixo-assinado é endereçado para os destinatários finais mais relevantes: os juízes da Suprema Corte, o Comitê Judiciário do Senado, a Procuradora-Geral Janet Reno e o Presidente dos EUA.

A ação comunicativa em processo é a publicação de um texto com o objetivo de persuadir leitores para assinar o abaixo-assinado. Essa ação está sendo executada por meio de atos de fala de acusação ao governo e de defesa da Microsoft. As (complexas) estruturas mentais definidoras das dimensões cognitivas do contexto consistem nas várias ideologias que foram analisadas aqui, bem como nas atitudes e opiniões (a respeito da ação legal do governo contra a Microsoft) que encontramos expressas ao longo do texto. Embora a forma “americanos” relativa ao destinatário expresse o pertencimento a uma comunidade, a estrutura persuasiva do texto pressupõe que nem todos os americanos podem ter a mesma opinião a respeito das práticas da Microsoft. Finalmente, o texto somente é significativo para seus leitores porque pressupõe uma quantidade enorme de base-comum¹¹ e senso-comum como, por exemplo, observadas na Declaração da Independência, na Microsoft, na Lei antitruste, e assim por diante, bem como no conhecimento (baseado em modelos) específico a respeito da ação judicial em curso contra a Microsoft.

¹¹ No original, “common-ground”.

O ponto importante é que o texto se adapta ao modelo de contexto subjetivamente construído a partir da situação comunicativa em curso conforme os exemplos a seguir:

- Os significados do texto são compreensíveis dentro de um domínio discurso mais amplo que inclui três outros domínios: dos negócios, da justiça e do governo.
- O gênero abaixo-assinado e o seu ato de fala é uma forma de execução da defesa do mercado livre de forma geral, um objetivo do Centro para a Defesa Moral do Capitalismo.
- A ação do governo é definida como uma violação de nossos direitos e, portanto, condição suficiente para o sucesso do gênero e dos atos de fala no abaixo-assinado.
- O macro tópico atualiza semanticamente o argumento para o ato de fala e o gênero específico do abaixo-assinado: Os direitos da Microsoft foram violados.
- A estrutura argumentativa é organizada para sustentar a função comunicativa do texto como uma forma de persuasão.
- A polarização das opiniões em todos os níveis do texto expressam as atitudes e a ideologia do Centro em uma tentativa de influenciar os leitores (e os outros destinatários).
- A seleção lexical é adequada para o gênero do discurso abaixo-assinado.
- O texto pressupõe a existência de algum conhecimento em geral a respeito de negócios, leis, governos e assim por diante, bem como o conhecimento específico a respeito do caso original contra a Microsoft. Entretanto, não expressa ou pressupõe conhecimento que enfraqueça a sua argumentação (por exemplo, a respeito de práticas ilegais da Microsoft).

Por que os modelos de contexto são tão importantes? Os modelos de contexto são fundamentais porque mostram a interface entre a informação mental (o conhecimento) a respeito de um evento e os significados construídos pelo discurso. O que sabemos ou acreditamos a respeito de um evento, ou de uma pessoa específica, não precisa ser expresso por completo no discurso, seja porque é relevante, ou porque é redundante. Desse modo, os modelos de contexto assim proveem os limites que permitem aos usuários da língua selecionar as infor-

mações relevantes na situação e, assim, construir os significados que serão expressos na conversação. As definições “pragmáticas” da comunicação não são muito marcadas em termos de significados, mas em especial por meio de outras estruturas. Por exemplo, as diferenças de status ou posição entre os falantes se representadas no modelo de contexto, podem controlar a seleção dos pronomes e de vários outros recursos estilísticos. Assim, os modelos de contexto são aquelas representações na memória (episódica) que agem como o controle geral de um evento comunicativo.

Em qualquer tipo de pesquisa da ACD, em que há uma ligação entre o texto e a situação social, é importante perceber que, por mais ampla que seja a situação social ou política, ela pode não “alcançar” as pessoas ou exercer impacto no discurso, simplesmente porque um falante considere irrelevante a informação que seja pertinente para a construção do modelo de contexto. As mudanças que os falantes adotam em seus discursos, por exemplo, por causa da polidez e de outras formas de persuasão, precisam ser levadas em consideração de uma forma explícita.

Modelos de evento

Os usuários da língua não formam somente modelos mentais da situação em que eles estão interagindo, mas também com relação aos eventos ou às situações em que estão falando ou escrevendo a respeito.

Utiliza-se a noção de modelo mental, aqui descrita, muitas vezes, para explicar várias propriedades dos significados do discurso. Assim, a coerência local e global do discurso não é definida somente em termos de relações funcionais entre suas proposições (tais como generalização, especificação, exemplo, explanação), mas especificamente também pelas relações dos “fatos” referidos por essas proposições, como as relações de causa-e-consequência. Entretanto, do ponto de vista psicológico, não é assim que a coerência deveria ser definida. Não são os fatos que definem a coerência, mas as maneiras particulares que os usuários da língua definem ou interpretam esses fatos em seus modelos mentais. Essas interpretações são pessoais, subjetivas, enviesadas, incompletas ou completamente imaginárias.

Em outras palavras, os discursos são interpretados como coerentes em relação aos modelos mentais que os usuários da língua têm a respeito do evento ou dos fatos referidos. Desse modo, não é o caso da Microsoft e as ações do governo que formam a base referencial (semântica) do abaixo-assinado, mas,

em particular, as maneiras (enviesadas) como o Centro para a Defesa Moral do Capitalismo representa o caso e o governo em seu modelo de evento.

É o modelo de evento, em modalidade oral ou escrita, que forma a base da produção e compreensão do discurso, em especial do seu significado, ou seja, sob o controle do modelo de contexto. As proposições que são consideradas relevantes pelo modelo de evento comunicativo em curso são selecionadas e atualizadas pelo discurso como, por exemplo, as proposições que os destinatários ainda não sabem. Em outras palavras, o significado de um discurso, comparado com seu modelo mental do evento, é, por definição, incompleto. Os falantes ou escritores não precisam incluir no seu discurso tudo o que os destinatários já sabem ou podem inferir por conta própria. Os modelos mentais descrevem todas as crenças pessoais a respeito de um evento, ou seja, o seu conhecimento bem como as suas opiniões (e provavelmente as suas emoções também).

No caso de um discurso de opinião, o que é expresso de forma relevante são as opiniões dos escritores, por exemplo, a respeito do caso da Microsoft e do governo. Ao mesmo tempo, o abaixo-assinado tem o objetivo de influenciar os (as opiniões presentes nos) modelos mentais do Presidente ou dos políticos a respeito do caso da Microsoft. Um aspecto da persuasão pode assim ser definido como o controle discursivo dos modelos mentais preferidos. Veremos, a seguir, que há também uma definição mais ampla da persuasão no que diz respeito ao controle social das representações como conhecimento, atitude e ideologias.

Os modelos de contexto e modelos de eventos são representações mentais na memória episódica, ou seja, parte da memória de longo prazo em que as pessoas guardam seu conhecimento e opiniões a respeito dos episódios que vivem ou leem/ouvem a respeito. Os modelos mentais, provavelmente, consistem em representações esquemáticas das dimensões pessoais e sociais relevantes dos eventos como ambiente, participantes (em vários papéis) e ações.

De forma geral, podemos dizer que os modelos de contexto controlam a parte “pragmática” do discurso e os modelos de evento a parte “semântica”. A compreensão de um discurso significa basicamente a capacidade de construir um modelo para ele. E, na produção, é o modelo mental do evento/situação que forma o ponto inicial do texto e da conversação. O que se lembra normalmente de um discurso não é o seu significado, mas o modelo mental que se constrói durante o processo de compreensão.

Entretanto, o modelo teórico do discurso vai muito além da explanação do significado e da variação controlada contextualmente pelo texto. Os modelos formam também a interface fundamental entre o discurso e a sociedade, entre o

pessoal e o social. Sem tais modelos somos incapazes de explicar e descrever como as estruturas sociais influenciam e são influenciadas pelas estruturas discursivas. Isso porque os modelos mentais não representam apenas as crenças pessoais, mas também (e frequentemente as variações pessoais das) representações sociais como conhecimento, atitudes e ideologias, que por sua vez estão relacionadas às estruturas dos grupos e das organizações. Assim, os modelos mentais dos usuários da língua são o coração da interface que possibilita o contato entre os membros dos grupos sociais, as suas representações sociais, seus modelos mentais e finalmente o discurso de seus integrantes. Os modelos mentais explicam como o discurso contém propriedades tanto pessoais como sociais e, sem dúvida, como em uma mesma situação social cada discurso é diferente. De um ponto de vista teórico, uma pesquisa adequada em ACD centra-se nessa complexa série de conexões. Não há conexão direta entre o discurso e a sociedade.

Cognição social

O fato de a ACD estar interessada no poder, na dominação e na desigualdade social, faz com que ela se preocupe com os grupos, organizações e instituições. Isso significa que a ACD precisa levar em conta as várias formas de cognição social compartilhadas pelas coletividades: conhecimentos, atitudes, ideologias, normas e valores. Embora vários livros tenham sido escritos a respeito dessas “representações sociais”, nós de fato sabemos muito pouco a respeito dessas estruturas mentais precisas e como, exatamente, é o controle da produção e compreensão do texto e da conversação. Esse controle ocorre basicamente de duas formas, uma direta e uma indireta. Assim, elementos relacionados ao conhecimento ou a atitude podem ser expressos diretamente, de forma geral e abstrata, por exemplo, em orações genéricas típicas do discurso da docência e da propaganda.

Assim, o texto da Microsoft tem muitas sentenças genéricas que expressam formas gerais de conhecimento ou opiniões, como “cada o indivíduo tem o direito inalienável de possuir a felicidade”.

O segundo modo de expressar, no discurso, as representações socialmente compartilhadas é por meio de modelos mentais, ou seja, de sua aplicação em um evento específico ou situação. O texto da Microsoft traz um exemplo clássico de tal aplicação de proposições gerais em um caso específico, como a aplicação de normas, valores e ideologias neoliberais em uma determinada situação. Quase

todas as orações do texto são “exemplos” específicos das representações compartilhadas pelos neoliberais.

Isso significa que as representações sociais são “particularizadas” em modelos mentais e é por meio delas que aquelas são frequentemente representadas no texto e na conversação. E, de modo oposto, é por meio dos modelos mentais dos discursos cotidianos (tais como as conversações, as notícias e os livros escolares) que adquirimos conhecimento do mundo, atitudes socialmente compartilhadas e, por fim, ideologias, valores e normas fundamentais. Temos, assim, um quadro amplo da maneira pela qual os grupos e os possuidores do poder são capazes de afetar o discurso e vice-versa, ou seja, por meio de representações sociais compartilhadas pelos grupos. Os modelos mentais, por sua vez, são as instâncias específicas dessas representações sociais. As teorias envolvidas aqui são extremamente complexas, e muito disso é ainda obscuro, mas temos um quadro geral dos componentes mais importantes e das relações envolvidas. Faremos apenas algumas observações das principais formas de representação social envolvidas:

Conhecimento: Faz sentido distinguir as diferentes formas de conhecimento, por exemplo, o conhecimento pessoal, o conhecimento de grupo e o conhecimento cultural. O conhecimento pessoal é representado em modelos mentais como eventos específicos e pessoais, como já explicamos. O conhecimento de grupo é compartilhado por grupos sociais específicos, como profissionais, movimentos sociais ou corporações comerciais. Esse conhecimento pode ser enviesado e ideológico, não ser reconhecido, de forma alguma, como “conhecimento” por outros grupos, e ser caracterizado como mera “crença”. As crenças de alguns grupos têm mais influência, poder e legitimidade do que as de outros, como o discurso científico. O conhecimento cultural é compartilhado por todos os membros competentes de uma sociedade ou cultura. Sem dúvida, em princípio, todo conhecimento socialmente compartilhado pode ser pressuposto no discurso público. Esse conhecimento de base-comum¹² muda constantemente, e o que é de base-comum ontem pode ser ideologia de grupo ou crença hoje (como no caso da religião cristã), ou vice-versa, de forma semelhante ao caso do conhecimento acadêmico. Os discursos são como *icebergs*. Assim, apenas algumas formas específicas de conhecimento (contextualmente

¹² No original, “commom-ground”.

relevante) são expressas, ainda que uma vasta parte do conhecimento pressuposto seja parte de uma base-comum socialmente compartilhada. Observamos várias propriedades do discurso, como os macrotópicos, coerência local, pronomes, metáforas e várias outras definições requeridas nesse tipo de conhecimento. Um dos maiores desafios teóricos tem sido a organização do conhecimento na memória, para o qual várias propostas foram apresentadas como, por exemplo, os roteiros, os esquemas, os cenários e vários outros. Essas propostas não são relevantes apenas para as ciências cognitivas, mas também para a ACD, porque tais estruturas do conhecimento (diretamente ou por meio de modelos mentais) também organizam as estruturas do discurso.

Atitudes: As atitudes são opiniões socialmente compartilhadas como, por exemplo, as opiniões das pessoas a respeito dos imigrantes, do aborto ou da energia nuclear. São habitualmente complexas, ou seja, são compostas por um grupo¹³ de proposições avaliativas. Do mesmo modo que o conhecimento geral pode influenciar os modelos mentais, as proposições ou atitudes podem também ser “particularizadas” em opiniões específicas e pessoais nos modelos mentais como, por exemplo, o caso das opiniões do Centro para a Defesa Moral do Capitalismo a respeito do caso da Microsoft.

Ideologias: Finalmente, eu defino ideologias como as representações sociais de base dos grupos sociais. Elas estão na base do conhecimento e nas atitudes dos grupos como, por exemplo, socialistas, neoliberais, ecologistas, feministas, bem como antifeministas. Provavelmente, têm uma estrutura esquemática que representa a imagem-de-si¹⁴ de cada grupo, descrevendo as forma de tornar-se membro¹⁵, os objetivos, as atividades, as normas e os recursos de cada grupo. As ideologias descrevem os princípios básicos que organizam as atitudes compartilhadas pelos membros de um grupo. Assim, a ideologia racista pode organizar atitudes a respeito da imigração, da educação ou do mercado de trabalho.

Observamos que todas as atitudes a respeito da relação entre o Estado e os negócios, exemplificado pelo caso da Microsoft, são organizadas por uma ideologia neoliberal.

¹³ No original, “cluster”.

¹⁴ No original, “self-image”.

¹⁵ No original, “Membership device”.

Discurso e sociedade

Discutiremos brevemente a terceira dimensão do modelo teórico: a relação entre discurso e sociedade. Essa relação é tratada com mais detalhes em outros capítulos de *Methods of Critical Discourse Analysis*. Vários aspectos do discurso e da cognição que foram tratados nessa obra (tais como o conhecimento e a ideologia) são considerados sociais.

A sociedade pode também ser analisada em termos mais locais e globais, primeiramente no nível da interação e das situações e, em segundo plano, no nível dos grupos, organizações e instituições. Por último, a estrutura social pode somente ser relacionada ao discurso de duas formas: primeiramente, por meio da representação social dos membros da sociedade a respeito das estruturas sociais; e, em segundo lugar, da instanciação das estruturas sociais (nos grupos ou nas organizações) por meio dos atores sociais, interações e situações no nível local, o micro nível. Há uma forma cognitiva e social de vincular os famosos níveis de diferenciação quando se considera a estrutura social. Assim, a ACD pode estar interessada em macro noções como poder e dominação, mas seu estudo real ocorre no micro nível do discurso e das práticas sociais.

Situação social

A estrutura das situações sociais é especialmente relevante para uma teoria do contexto. O discurso é frequentemente definido como um evento comunicativo em uma situação social, em um ambiente, com participantes em diferentes papéis e ações. Observamos que tais descrições sociais são somente relevantes para o discurso quando representadas na mente, ou seja, nos modelos de contexto. Podemos ter uma teoria das situações sociais para dar lidar com os contextos, mas novamente precisamos da interface cognitiva que os transforma nas “estruturas de relevância”, que chamamos de contextos.

No exemplo do abaixo-assinado, também precisamos entender e, assim, construir a situação comunicativa, descrevendo a página da internet como mídia de comunicação; o Centro para a Defesa Moral do Capitalismo e os usuários como participantes. O ato de fala do abaixo-assinado somente pode ser entendido se o usuário da internet considerá-lo direcionado para ele; e a linguagem persuasiva e os argumentos, para esse usuário e os mesmos destinatários finais do abaixo-assinado, o Presidente e os políticos.

Ação

A ACD não está somente interessada nos atos de fala, mas também em várias outras ações, interações e práticas sociais que são realizadas pelo discurso, ou que formam as condições e as consequências do texto e da conversação. Assim, um discurso em um parlamento pode ser composto por asserções ou acusações contra políticas governamentais. Em diferentes níveis, várias outras ações sociais e políticas podem aparecer de forma relevante como, por exemplo, criticar o governo, ser da oposição, representar os eleitores e a legislação. Para entender o que está acontecendo em um discurso, é necessário construí-lo como uma instância de várias outras formas de ação em muitos níveis da análise social e política.

Assim, no texto, usado para análise, neste trabalho, uma organização pede aos usuários da internet a assinatura do abaixo-assinado. Observamos que o Centro para a Defesa Moral do Capitalismo faz muito mais que isso – defende a Microsoft, ataca o governo dos Estados Unidos da América, persuade os usuários da Internet, e, finalmente, advoga a favor dos princípios comerciais neoliberais. A compreensão desse texto envolve, além de entender as ações, compreender como elas estão relacionadas às estruturas discursivas. As interpretações sociopolíticas requerem conhecimentos socialmente compartilhados, como crenças que não são explicitamente expressas, mas pressupostas no texto.

Atores

Em relação aos atores sociais, é possível fazer observações similares às que fizemos sobre as ações. Os atores são categorias constituintes das situações sociais. Como parte das situações comunicativas, possuem vários papéis comunicativos, como os tipos de falantes, de escritores ou de produtores e dos receptores. Podem ser definidos localmente como indivíduos, ou globalmente, recorrendo-se a termos relacionados aos grupos, às organizações ou às instituições.

No texto que trouxemos para análise, o escritor global ou produtor do texto da Internet é o Centro para a Defesa Moral do Capitalismo, embora localmente o texto tenha sido escrito por um empregado do centro. De forma semelhante, o texto é endereço para (qualquer) usuário da Internet, ou seja, para um indivíduo não identificado, indiretamente para toda a comunidade de usuários da Internet e qualquer pessoa que tenha acesso ao texto. Esses e outros papéis organizam muitos aspectos do texto, como as formas de tratamento e de pedido (assinem o abaixo-assinado). Observamos que não somente esses atores definem

a situação comunicativa, mas que também o discurso citado (a petição) tem os seus próprios receptores (o Presidente, e em última instância, todo o povo norte-americano). Uma análise crítica do discurso significativa desse texto analisaria a complexa estrutura de participação dos atores sociais e políticos envolvidos (de forma individual e coletiva) e como os atores são descritos, representados situacional e semanticamente, ou relacionados à estrutura discursiva.

Estruturas sociais

Observamos que as situações locais de interação ordenam, manifestam ou instanciam estruturas sociais globais. Os participantes falam e ouvem como mulheres, mães, advogados, membros do partido, ou executivos de uma companhia. As suas ações, incluindo ações discursivas, realizam ações sociais maiores e processos, como legislação, educação, discriminação e dominância, frequentemente dentro dos limites institucionais (o parlamento, as escolas, as famílias, ou institutos de pesquisa).

A ACD está, especialmente, preocupada com o papel do discurso na instanciação e reprodução do poder ou do abuso de poder (dominância), e, portanto, interessada no estudo detalhado de interface entre o local e o global, entre as estruturas do discurso e as estruturas da sociedade. Observamos que essas conexões não são diretas e precisam de uma interface cognitiva e interacional. Representações sociais, incluindo atitudes e ideologias, são frequentemente mediadas por modelos mentais e se mostram no discurso. Esse discurso apresenta efeitos sociais e funções somente quando ele torna-se causa para a formação e confirmação de atitudes sociais e ideológicas. A dominação por parte do grupo de pessoas brancas somente pode ser “executada” quando os membros do grupo branco engajam-se de verdade nesse discurso de menosprezo como uma instância de discriminação. O racismo e o sexismo são, assim, não meramente sistemas abstratos de desigualdade social e dominância, mas na verdade “alcançam o chão” do cotidiano de várias formas, ou seja, por meio de crenças, ações e discursos de membros de um grupo.

Para compreender e explicar as estruturas do texto, não podemos somente explicitar apenas as condições cognitivas e contextuais, mas também as estruturas sociais maiores sobre as quais tais cognições e contextos estão baseados. Observamos na análise do texto que as opiniões negativas a respeito do governo dos Estados Unidos da América, no caso da Microsoft, estão vinculadas à ideologia neoliberal maior do mercado livre, ideologia na qual os empreende-

dores criativos são os heróis e o governo (e seu sistema de justiça) os inimigos, contra cujos ataques o Centro para a Defesa Moral do Capitalismo desempenha um papel específico de defensor dos valores capitalistas. Ou seja, a ideologia implementada nos modelos mentais construídos no caso da situação apresentada no texto da Microsoft está vinculada a grupos sociais, organizações, estruturas e relações de poder. Sem dúvida, o texto citado aqui para análise representa apenas um de uma miríade de ações (discursivas) da comunidade dos negociantes em sua luta pelo poder com o estado. É somente no nível mais alto da análise social que somos capazes de entender o problema fundamental do texto, suas estruturas e funções.

Considerações finais

O movimento de vinculação permanente de baixo para cima e de cima para baixo¹⁶ do discurso e da interação com as estruturas sócias está presente na ACD. Assim, essa análise do discurso é, ao mesmo tempo, cognitiva, social e política, com foco, em especial, no papel do discurso nos níveis local e global, na sociedade e nas suas estruturas.

As estruturas sociais, como os grupos e as instituições, bem como as relações mais gerais como o poder e os atos sociais globais, como a legislação e a educação, proveem os limites gerais das ações locais e do discurso. Esses limites podem ser mais ou menos fortes e ocorrem nas normas de obrigações (por exemplo, como as formuladas em leis, como os atos de juízes e membros do parlamento), nas normas mais flexíveis, como as normas de cortesia. Os limites podem afetar propriedades discursivas muito diversas como movimentos interacionais, que controlam a tomada de turnos ou que abrem uma sessão, os atos de fala, a seleção tópica, a coerência local, o estilo lexical ou as figuras retóricas. E, ao contrário, essas estruturas discursivas podem ser interpretadas como ações que são instâncias ou componentes de atos políticos ou sociais muito mais globais como as políticas de imigração ou a reforma educacional.

É precisamente nessas conexões que encontramos o centro do problema para a ACD. A mera observação e análise da desigualdade social nos níveis mais altos e abstratos é um exercício para as ciências sociais e um mero estudo

¹⁶ No original, “It is this permanent bottom-up and top-down linkage”.

da gramática do discurso, da semântica, dos atos de fala e dos movimentos conversacionais, são as tarefas gerais dos linguistas, dos analistas da conversação e do discurso. As análises do discurso social e político estão, especificamente, envolvidas no sentido de uma explicação detalhada da relação entre as duas linhas esquematizadas acima de acordo com o modelo.

Observamos que, em uma análise parcial de nosso exemplo, a relevância da dimensão sociopolítica é finalmente fornecida pelos objetivos gerais da pesquisa, tal como o foco pelo qual o discurso está envolvido na reprodução da dominação. Isso também significa que a ACD precisa de uma ética explícita. A dominância definida como o abuso de poder pressupõe uma definição do abuso, por exemplo, em termos de violação de normas e direitos sociais e humanos, formulados no nível macro dos grupos, movimentos, instituições, e estados-nação, frequentemente, relacionados aos seus membros. A ACD está especialmente interessada na dimensão discursiva de tais abusos, e, portanto, deve definir em detalhes as condições das violações dos direitos humanos pelo discurso, por exemplo, quando os jornais publicam histórias enviesadas a respeito das minorias, quando os gerentes engajam-se em sexismo dentro de uma companhia ou organização, ou quando legisladores engendram políticas neoliberais que fazem com que os ricos fiquem mais ricos e os pobres mais pobres.

Bibliografia comentada

Caldas-Coulthard, C. and Coulthard, M. (eds.) (1996) *Texts and Practices: Readings in Critical Discourse Analysis*. London: Routledge.

Essa, provavelmente, é a primeira coleção de textos acadêmicos publicados sob o título de ACD. Contém excelentes trabalhos acadêmicos de vários países (fora da Europa e EUA) a respeito do discurso em modalidade oral e escrita e em diferentes contextos.

FOWLER, R. HODGE, B., KRESS, G. AND TREW, T. (1979) *Language and control*. London: Routledge and Kegan Paul.

Esse livro é a semente do trabalho na linguística crítica e, daí, a Análise Crítica do Discurso. É considerado um clássico em conjunto com os trabalhos de Tony Trew a respeito dos aspectos sintáticos da descrição negativa do exogrupos (sentenças na voz ativa e passiva, e assim por diante).

VAN DIJK, T. A. (1993) *Elite discourse and racism*. London: Sage

Esse livro resume grande parte do trabalho que desenvolvi a respeito do discurso e do racismo durante a década anterior a de sua publicação. Ele foi elaborado a partir de análise da mídia e livros escolares. Além disso, há novos resultados de uma pesquisa recente sobre debates parlamentares, discurso acadêmico e corporativo. A conclusão é que a forma mais influente (e a mais negada) é a do racismo das elites.

VAN DIJK, T. A. (1998) *Ideology*. London: Sage.

Esse livro é a primeira parte de um projeto longo a respeito da ideologia e do discurso. Apresenta um quadro teórico fundamental de uma nova teoria multidisciplinar a respeito da ideologia que está sendo produzida relacionando cognição, sociedade e discurso. As ilustrações são dadas a partir de ideologias racistas. A obra também oferece uma base do componente ideológico de uma teoria crítica do discurso.

WODAK, E. (ed.) (1989) *Language, Power and Ideology. Studies in Political Discourse*. Amsterdam: Benjamins.

Essa importante coletânea de estudos anteriores é, certamente, uma pesquisa em ACD considerada *avant la lettre*. Também se destaca porque apresenta muitos trabalhos de acadêmicos alemães que foram traduzidos para o inglês. Contém trabalhos sobre fascismo, racismo, preconceito, patriarcalismo e discurso político.

Referências

VAN DIJK, T. A. *Macrostructures*. Hillsdale: New Jersey: Erlbaum, 1980.

_____. *Prejudice in Discourse: An Analysis of Ethnic Prejudice in Cognition and Conversation*. Amsterdam: Benjamins, 1984.

_____. *Communicating Racism: Ethnic Prejudice in Thought and Talk*. Newbury Park, California: Sage Publications, Inc., 1987.

_____. *Racism and the Press*. London: Routledge. 1991.

_____. *Elite Discourse and Racism*. Newbury Park: Sage, 1993.

_____. (comp.) *Discourse Studies: A Multidisciplinary Introduction*. London: Sage Publications, 1997.

_____. *Ideology: A Multidisciplinary Approach*. London: Sage Publications, 1998.

_____ and KINSTSCH, W. *Strategies of Discourse Comprehension*. New York: Academic Press, 1983.

Recebido: 15/10/2013

Aprovado: 05/11/2013